

O MITO DO ERRO “ERRO” PARA COM A LÍNGUA(GEM): CONSIDERAÇÕES SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

André Wesley Dantas de AMORIM¹
(UFPB)
Ingrid Cruz do NASCIMENTO²
(UFPB)

RESUMO

Através das contribuições dos estudos realizados pela Sociolinguística, com destaque os de Weireich, Labov e Herzog (1968), pioneiros na formalização de alguns fundamentos para uma teoria da variação linguística, a linguística moderna refutou a ideia de língua homogênea e passou a enxergá-la como heterogênea, considerando, assim, as diversas maneiras que existem de se expressar de forma equivalente. Entretanto, apesar de as discussões dessa literatura serem bastantes abrangentes, ainda podemos perceber que diversos meios de comunicação, propostas encontradas em livros didáticos de Língua Portuguesa e até mesmo professores – no cotidiano de suas salas de aula –, continuam a reproduzir e difundir a ideia purista de uma linguagem “certa” ou “errada” em língua materna. Sabendo que tais procedimentos afetam o processo de aprendizagem da língua materna e a visão, por vezes negativa, que os discentes têm sobre ela, buscamos apresentar, através desta pesquisa bibliográfica, algumas considerações acerca dessa realidade, assim como algumas propostas para a sua desconstrução, explicando que as variações são adequadas ou inadequadas a depender da situação comunicativa. Nesse sentido, pudemos constatar que, cientificamente, não há erros de português praticados por um falante em sua língua nativa (BAGNO, 2009). Portanto, cabe ao professor trabalhar na desconstrução de tal preconceito linguístico, assim como da expressão “erros de português”, uma vez que eles são apenas diferenças entre variedades linguísticas (BORTONI-RICARDO, 2004).

Palavras-chave: Sociolinguística. Língua Materna. Preconceito Linguístico.

¹ Graduando em Letras Inglês pela Universidade Federal da Paraíba. (andre95_rock@hotmail.com)

² Graduada em Letras Português pela Universidade Federal da Paraíba. (ingridcruznascimento@gmail.com)

Introdução

Comumente, somos questionados pelos educandos sobre a forma correta de falar ou escrever algo, seja em linguagem formal ou não; também deparamo-nos com expressões como, por exemplo, “A professora de português não ensina nada” ou ainda “Eu não sei falar português”. Diante disto, questionamo-nos o seguinte: como um discente, tendo o Português Brasileiro como língua materna, afirma que não sabe falar português ou pensa que sua fala é errada? É esse questionamento que direcionará a discussão presente em nosso trabalho.

Diariamente, a mídia, os livros didáticos e até mesmo certos professores (ou *professauros*?³) vendem e alimentam a ideia de “certo” e “errado” em relação à língua(gem). Entretanto, esse preconceito linguístico, movido pela ignorância ou por caráter ideológico e político, não possui fundamento científico algum. De acordo com Marcos Bagno (2009), “[...] do ponto de vista científico, simplesmente *não existe erro de português*” (p.123). Portanto, como afirma Bortoni-Ricardo (2004), o erro se explica, simplesmente pela (in)adequação de certas formas a certos usos. Essa (in)adequação de formas e usos pode ser bem ilustrada através da metáfora utilizada por Aldo Bizzocchi, no blog da revista Língua Portuguesa,

Tenho dito sempre que a língua é como a roupa que vestimos: há um traje para cada ocasião. Há situações em que se deve usar traje social, outras em que o mais adequado é uma roupa casual, sem falar nas situações em que se usa pijama, maiô ou mesmo nada (para tomar banho esse é o traje ideal). (BIZZOCCH, 201?, p. ?)⁴

Utilizando as metáforas dos trajes, podemos fazer outra analogia. Não é errado nem proibido ir à praia de terno, senão inadequado. O indivíduo não está errado por ir vestido dessa forma, porém ele não está adequado às convenções implicitamente

³Termo cunhado pelo Prof. Me. Celso Antunes em seu livro “Professores e professauros” (2007).

⁴ Disponível em: <<http://revistalingua.com.br/textos/blog-abizzocchi/o-que-e-e-para-que-serve-a-norma-culta-265019-1.asp>>

impostas e cultuadas pela sociedade. Portanto, da mesma forma que em certas situações torna-se mais adequado utilizar um traje, na língua, em alguns momentos é mais adequado fazer uso de certas variantes. Além disso, assim como as pessoas são avaliadas pelas outras dependendo de como se trajam, as variedades linguísticas também são passíveis de valores socialmente atribuídos.

Assim sendo, deteremo-nos a analisar a primeira matéria da série “Sotaques do Brasil”, exibida no Jornal Hoje⁵, que mostra diferentes variantes da variável [R] e a impressão que falantes comuns de diferentes regiões têm sobre elas. Nosso objetivo neste trabalho é investigar qual a percepção do senso comum perante à variação linguística, assim como fazer algumas considerações acerca desse assunto sob a ótica da Sociolinguística Variacionista.

1- **Variação linguística: Sociolinguística Variacionista e Sociologia da linguagem**

Para que se possa compreender o fenômeno da variação linguística e sua influência na sociedade, é necessário recorrer, pelo menos, aos seguintes campos da linguística: a Sociolinguística Variacionista (Sociolinguística Laboviana ou Quantitativa) e a Sociologia da Linguagem.

A Sociolinguística Variacionista, ciência encarregada de analisar as variações linguísticas, rompeu com a visão estruturalista que enxergava a língua como homogênea, a qual mostrou que em cada língua existem várias maneiras de se expressar de forma equivalente – seria o caso dos sinônimos, por exemplo, no campo semântico de uma língua –, e cada uma delas pode possuir um propósito diferente a depender da situação comunicativa. Em seu artigo “O ‘Erro’ Linguístico A Partir De Uma Perspectiva Sociolinguística Laboviana”, Maia (2009) afirma que

A sistematização da variação linguística já era feita por Cícero, em torno de 55 AC, conforme relatos (cf. Chambers, 1995). Entretanto, é a Sociolinguística (cf. Weireich, Labov e Herzog, 1968 e Labov, 1969)

⁵ Reportagem exibida em 13/08/2015 pela Rede Globo.

que formaliza alguns fundamentos essenciais ao tratamento dos fatos aparentemente caóticos e desordenados da língua oral, ao conceberem a língua como uma realidade inerentemente variável, porém, passível de ordenação estrutural. Conseqüentemente, também heterogênea é a competência dos falantes, porém, sistematizável; em oposição ao que é preconizado pelos estruturalistas, para quem os fatos lingüísticos que se afastam da expressão tradicional escrita, da língua dos grandes escritores, são vistos como “erro” lingüístico, pois sequer consideram a língua real, a língua falada em uma comunidade. (MAIA, 2009, p. 2)

Sobre o caráter sistêmico e funcional de toda e qualquer variedade linguística, Bagno (2013) defende que:

[...] não existem línguas “primitivas”, “pobres”, “atrasadas”, nem línguas “desenvolvidas”, “ricas”, “avançadas” – todos os modos de falar apresentam uma organização gramatical complexa, perfeitamente demonstrável e exprimível na forma de regras, ou seja, todos os modos de falar são lógicos, têm sua gramática própria. (BAGNO, 2013, p. 47)

Entretanto, essa equivalência defendida pela Sociolinguística Quantitativa, que distribui as línguas de forma horizontal, ou seja, sem haver hierarquização, deixa de levar (ou leva pouco) em conta análises sociológicas (HORNBERGER e CORSON, 1997). Sendo assim, a pesquisa da Sociolinguística Variacionista termina onde a da Sociologia da Linguagem se inicia, ou seja, enquanto esta defende que as variações linguísticas são equivalentes, porém possuem valores diferentes atribuídos pela sociedade, aquela afirma que todas as línguas apresentam variações linguísticas que são consideradas semelhantes, mas de valores iguais.

Para exemplificar, no Português Brasileiro (doravante PB), a presença de marcas de concordância nominal se alterna com a possibilidade de ocorrência de enunciados com a ausência de tal marca. A construção realizada no PB é encontrada tanto como “esses povoØ” quanto “esses povos”. Um dos trabalhos de maior referência no Brasil sobre a concordância de número e sintagma nominal é o de Naro & Scherre (1998). Sobre a pesquisa mencionada, Martins (2010) afirma que

[...] a concordância de número no português apresenta uma variação sistemática, exibindo variantes explícitas e variante zero (\emptyset) de plural em elementos verbais e nominais. Eles procuram correlacionar variáveis linguísticas (saliência fônica e posição) e sociais (anos de escolarização, sexo e faixa etária). (MARTINS, 2010, p. 48)

Diante dessas duas variantes, na ótica da Sociolinguística Laboviana, ambas possuiriam o mesmo valor social; entretanto, para a Sociologia da Linguagem, elas “recebem valores sociais diferentes conforme o lugar que seus falantes ocupam na hierarquia social” (BAGNO, 2013, p. 53). Para melhor ilustrar essa comparação, o quadro utilizado por Bagno torna-se imprescindível:

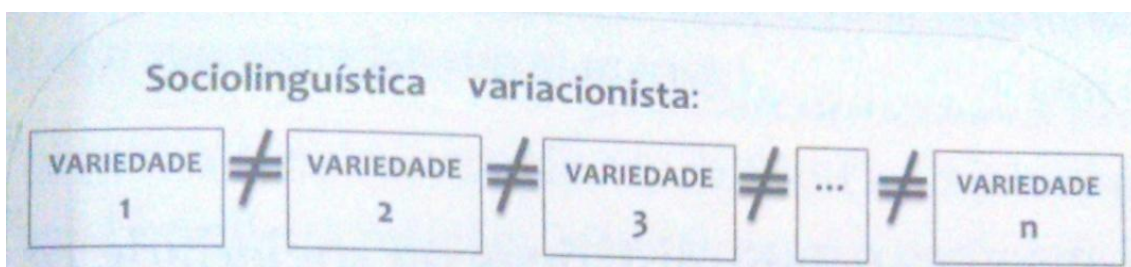


Figura 1 (BAGNO, 2013, p. 53)

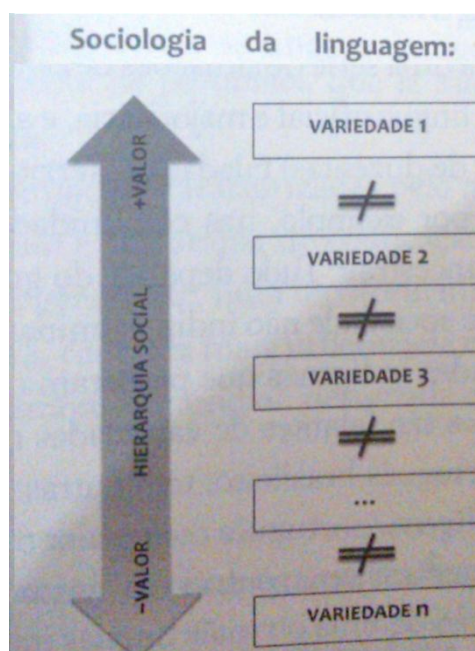


Figura 2 (BAGNO, 2013, p. 53)

Portanto, foi possível ver que, enquanto para a Sociolinguística Variacionista não há variedade “melhor” ou “pior” que outra, para a Sociologia da Linguagem esses valores são atribuídos sim. Por outro lado, vale salientar que tal atribuição é feita a partir de um valor construído socialmente. Cientificamente, não existe variedade melhor ou pior que outra: são diferentes, mas funcionalmente equivalentes.

Assim, a Sociologia da Linguagem, sendo uma ciência interdisciplinar, é fundamentada particularmente pelas teorias e métodos da Linguística e da Sociologia (pendendo mais para esta). Por sua vez, a Sociolinguística Laboviana, que vem sendo criticada por sociólogos (HORNBERGER e CORSON, 1997), apesar de ter em sua etimologia “socio”, sua pesquisa é feita sem ou com pouca teoria e metodologia da sociologia (HORNBERGER e CORSON, 1997).

2- O conceito de erro para com a língua(gem): como desconstruí-lo?

No Brasil, vários linguistas (BAGNO, 2002, 2013; BORTONI-RICARDO, 2004; FARACO, 2015) vêm denunciando que o ensino tradicional de Língua Portuguesa nas escolas está fadado ao fracasso, ressaltando, assim, a importância de se estabelecer uma pedagogia da variação linguística. Além do olhar retrógrado que ainda é tido por muitos professores sobre a abordagem do conteúdo de Língua Portuguesa (LP), o livro didático de Português (LDP) adotado por eles por vezes também se apresenta desfavorável para a prática de uma metodologia mais adequada, como afirma Faraco, em seu artigo “Por uma pedagogia da variação linguística”: “Nos livros, os fenômenos de variação são ainda marginais e maltratados (são abordados tendo a ‘cultura do erro’ como pano de fundo)” (2011, p.8).

Outro ponto que vale ser destacado é que o impasse para a inserção da consideração (do professor em relação à fala dos alunos) e estudo das variações linguísticas em sala de aula não é apenas o LDP, mas a possível falta de formação continuada dos professores, que acabam por não conhecer os novos métodos e conteúdos que devem ser levados para as discussões em suas aulas. Sem a formação

continuada há uma grande probabilidade de os professores refutarem o LDP e, conseqüentemente, tomarem como recurso para as suas aulas o LDP detentor dos conteúdos já conhecidos e utilizados anteriormente por eles. Assim, fica claro que tais atitudes são totalmente compreensíveis quando analisamos a formação dos professores e a concepção de língua(gem) que advém dessa formação, pois elas têm influência direta no norteamento da metodologia deles.

Reconhecendo o peso do preconceito linguístico, temática amplamente discutida por Bagno em seu livro “Preconceito Linguístico” (2009), compreendemos que cabe ao professor desconstruir a noção de que há “certo” e “errado” em relação à língua(gem). Além disso, é importantíssimo que ele utilize as teorias da Sociologia da Linguagem para apresentar aos educandos os valores sociais atribuídos a cada variedade linguística. Em seu epílogo “Por uma reeducação sociolinguística”, Bagno (2013) defende que é necessário

[...] valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos e cidadãos conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem. (BAGNO, 2013, p. 175)

Entretanto, sabe-se que diversos fatores externos podem contribuir, positivamente ou não, com o desenvolvimento de aulas nessa perspectiva, como o planejamento da escola (que, por vezes, pode tirar a autonomia do professor), e a aceitabilidade dos pais e educandos. Assim, observamos que a realização de tal tarefa não seja nada fácil, tendo em vista o “peso que a ‘cultura do erro’ tem em nosso país, peso que tem impedido uma discussão mais aberta e menos preconceituosa de nossa cara lingüística real.” (FARACO, 2011, p. 8).

A respeito da noção de erro em língua materna, de acordo com a perspectiva de Bortoni-Ricardo, “a expressão “erros de português” [...] é inadequada e preconceituosa” (2004, p. 37). Segundo ela, “erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua”. Para que se possa combater essa “cultura do

erro”, Bagno (2009) propõe também uma substituição da noção de erro. Em relação à escrita, para ele,

[...] seria pedagogicamente proveitoso substituir a noção de erro pela de tentativa de acerto. Afinal, a língua escrita é uma tentativa de analisar a língua falada, e essa análise será feita, pelo usuário da escrita no momento de grafar sua mensagem, de acordo com seu perfil sociolinguístico (BAGNO, 2009, p.150).

Em seguida, em relação à língua falada, ele diz que

[...] fica óbvio que o rótulo de erro é aplicado a toda e qualquer manifestação linguística (fonética, morfológica e sintática, principalmente) que se diferencie das regras prescritas pela gramática normativa, que se apresenta como codificação de “língua culta”, embora na verdade seja a codificação de um padrão idealizado, que não coincide com nenhuma verdadeira variedade urbana de prestígio. (BAGNO, 2009, p.151-152)

A respeito disso, Maia (2009) diz que “isto se torna de fácil compreensão se pensarmos no exercício da língua oral como a tentativa de acertarmos alvos: fonológicos, morfossintáticos, sintáticos, [...] (cf. Silverman, 2006).” (p. 1), sendo assim, “não existe a dicotomia ‘certo’ / ‘errado’. Existem vários alvos que podem ser atingidos, principalmente em se tratando da produção da fala.” (p. 2)

Portanto, o professor deve trabalhar na desconstrução de tal preconceito linguístico que, na verdade, é um preconceito social, pois ele pode desencadear inúmeras avaliações ideologicamente negativas que, como foi visto, são falsas: “[...] alguém fala errado porque pensa errado, porque age errado, porque é errado... O outro lado da mesma moeda ideológica é fácil de imaginar: quem fala certo, pensa certo, age certo, é certo...” (BAGNO, 2002, p. 74).

Entretanto, isso não significa que o professor deva considerar tudo em qualquer situação comunicativa: ele deve utilizar e ensinar a norma padrão da língua, afinal de contas, é papel fundamental da escola oferecer o acesso a ela, mas sem esquecer das outras variedades linguísticas não-padrões.

Além disso, é importante lembrar que, apesar de algumas variedades linguísticas serem estigmatizadas – a exemplo dos falares rurais –, sabemos que a fala deles não é agramatical. A menos que o falante possua alguma afasia que dificulte o processo de competência e, conseqüentemente, seu desempenho linguístico, não veremos uma pessoa falando, por exemplo, “Passear foi cachorro a*”, pois na gramática que ele tem internalizada já existe uma estrutura sintática básica [artigo – substantivo – verbo], respeitando assim a semântica e sintaxe da construção realizada. A intervenção do professor consistirá, portanto, em explicar em qual situação comunicativa cada variante pode ser melhor utilizada.

3- Variação linguística e o senso comum

Apesar de a mídia ser uma das responsáveis por disseminar o mito do “erro” linguístico, algumas abordagens merecem destaque por abordar adequadamente discussões sobre a variação linguística. Na segunda matéria da série “Sotaques do Brasil”, exibida no Jornal Hoje, há diversas entrevistas com estudiosos da área, como Vanderci de Andrade Aguilera⁶, Nelly Medeiros de Carvalho⁷, Felício Wessling Margotti⁸ e Jacyra Andrade de Mota⁹, que explicam e esclarecem como ocorrem as variações das vogais médias pretônicas.

O ponto a ser observado nessa matéria é a fala de um dos entrevistados da cidade de Piracicaba, em São Paulo: “Estudado ‘nói é’. ‘Nói fala’ errado porque ‘nói quer’”. Por ser do interior de São Paulo e falar com o sotaque nomeado caipira, ele acredita que sua fala é “errada”. Assim, podemos afirmar que o entrevistado em questão ainda cultiva a ideia do mito linguístico. Logo, sua opinião reflete o que ainda é disseminado no senso comum.

⁶ Professora da Universidade Estadual de Londrina e autora do Atlas Linguístico do Paraná.

⁷ Professora Emérita da UFPE e professora da Universidade Católica de Pernambuco.

⁸ Professor Titular da UFSC.

⁹ Professora Associada II da UFBA; coautora do "Livro das Aves" (1965), do "Atlas Linguístico de Sergipe" (1987) e do Atlas Linguístico do Brasil (2014).

Provavelmente, tal preconceito tenha sido construído a partir do que era cultivado na escola, visto que, caso ele tivesse tido acesso às teorias da Sociolinguística, talvez não houvesse por parte dele esse preconceito com seu próprio sotaque. Essa ideia de hierarquização entre as variedades interioranas e urbanas, pela própria constituição atual da sociedade, já deveria ter sido diluída. Bagno ilustra essa relação a partir da figura 3, disposta abaixo:

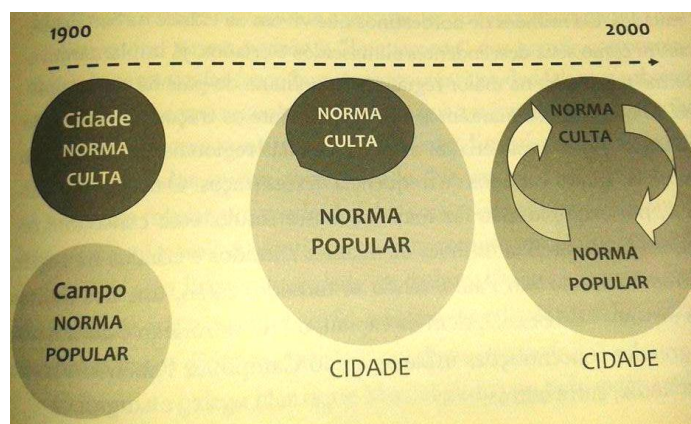


Figura 3 (BAGNO, 2013, p. 59)

Assim, percebemos a importância de utilizar uma pedagogia da variação linguística em sala de aula, visto que, a partir dela, discursos como esses podem ser desconstruídos e, além disso, podem oferecer um panorama das relações sociais que os envolvem, mostrando que por trás do preconceito linguístico há um preconceito social.

4- Observações finais

Neste trabalho, a partir das teorias da Sociolinguística Variacionista e Sociologia da Linguagem, foi possível explicar o questionamentos que nos levou à construção deste trabalho e fazer algumas considerações a respeito da noção de “erro” para com a língua(gem), por meio da análise do estado da arte, e de como a variação linguística

é vista, através de uma matéria veiculada na Rede Globo. Como foi visto, várias pesquisas já desmistificaram tal preconceito e alguns linguistas sugerem que os professores trabalhem em uma pedagogia da variação linguística, abordando também o preconceito social envolvido. Entretanto, apesar do desenvolvimento das teorias da Linguística a respeito desse tema, algumas barreiras ainda precisam ser enfrentadas, como a metodologia utilizada pelo professor, a utilização do livro didático, a influência da escola nas práticas educacionais, etc. Espera-se que este trabalho tenha contribuído pelo menos minimamente para a elucidação do tema abordado, assim como tenha servido de reflexão para o desenvolvimento de uma pedagogia menos preconceituosa e mais adequada à variação linguística.

Referências

- BAGNO, M. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: ____; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.
- _____. *Sete erro aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo, Parábola Editorial, 2013.
- _____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 52. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- BIZZOCCHI, A. *O que é e para que serve a norma culta*. Em: <<http://revistalingua.com.br/textos/blog-abizzocchi/o-que-e-e-para-que-serve-a-norma-culta-265019-1.asp>>. Acesso em: 07julho2015.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- FARACO, C. A. *Por uma pedagogia da variação linguística*. Em: <https://variacaolinguistica.files.wordpress.com/2011/06/faraco_por_uma_pedagogia_da_variacao_linguistica1.pdf>. Acesso em: 07 julho 2015.
- MAIA, F. P. S. *O "erro" linguístico a partir de uma perspectiva sociolinguística laboviana*. Anais do V CIEL. Ponta Grossa, 2009
- MARTINS, F. S. *Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos habitantes do município amazonense de benjamin constant*. Florianópolis, Working Papers em Linguística, 2010.
- Nancy H. Hornberger, D.C. *Research Methods in Language and Education*. ed. Kendall A. King and Nancy H. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.
- NARO & SCHERRE, M. M. P A. *Sobre a concordância de número no português falado do Brasil*. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Attidel XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi

Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

SILVA, J. P. *O Conceito De Erro Em Sociolinguística*. Revista da academia brasileira de filologia, Ano IX. Rio de Janeiro, 2011.

Sotaques do Brasil. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/08/sotaques-do-brasil-desvenda-diferentes-formas-de-falar-do-brasileiro.htm>>. Acesso em: 05 outubro 2015